

Editorial

Na abertura do filme “Arquitetura da destruição”, lançado em 1989, vê-se a sequência de imagens aéreas de uma pequena povoação, em meio à paisagem predominantemente natural. No desdobrar das imagens idílicas, o narrador anuncia uma característica fundamental do projeto nacional-socialista: a de ser um sonho de harmonia, pureza, força e beleza, em reação à ordem percebida como existente, na qual esses valores supostamente se degradavam e estariam às portas da aniquilação. Era preciso combater aqueles que ameaçavam esses valores e impediam a realização do sonho. Como se sabe, o que daí derivou concretizou-se como terrível pesadelo, vivido em vigília.

Visões acerca de um estado de coisas ideal, sonhado e desejado, que proporcionaria o bem viver, estão associadas às utopias. São traduzidas, às vezes, por projeções de um mundo de liberdade, igualdade, justiça, felicidade; outras vezes, associadas à prosperidade, segurança, ordem, harmonia. Já as distopias – etimologicamente, lugares ruins, hostis, doentios, imperfeitos, como destacou o historiador britânico Gregory Claeys (2017, p. 4) – configuram a negação da felicidade, ao inverter os termos valorizados nas utopias ou ao lê-los em outra clave. Assim, as projeções distópicas costumam ser caracterizadas por desigualdade, injustiça, ausência de liberdade; aquilo que, na perspectiva utópica, poderia ser considerado ordenado e harmonioso, nas distopias mostra dimensões controladoras, autoritárias, opressivas.

Seriam utopia e distopia faces de uma mesma moeda – a utopia, para uns, sendo necessariamente distopia para aqueles que não se coadunassem com o projeto utópico? Qual o lugar do dissenso e da diferença, nas utopias? Uma utopia pode ser excludente e antiética? Seria a distopia a realização mal concebida ou mal sucedida de um projeto utópico – com origem em uma mesma receita, mas com dosagens diferentes de seus componentes, remédio tornado veneno?

Dialogam em alguma medida com essas questões gerais os seis artigos que compõem o dossiê “Utopias e distopias na contemporaneidade”. Foram elaborados por

autores vinculados a instituições das regiões sudeste e sul do Brasil, além de Portugal. Nos dois primeiros textos – os artigos “Enfrentando distopias contemporâneas” e “Democracia colapsada e alternativas às utopias do capitalismo pandêmico” – discute-se o tema do dossiê em articulação com o cenário da pandemia causada pelo novo coronavírus (o Sars-CoV-2), tendo em vista ainda situações críticas geradas, na atualidade, por projetos neoliberais em curso e pelo fortalecimento de correntes e movimentos políticos antidemocráticos. As distopias, em especial, são enfocadas nos três artigos seguintes, sobretudo entendidas como gênero narrativo. São examinadas algumas de suas expressões na literatura, na música, nas Histórias em Quadrinhos – especificamente, no romance “O conto da aia” / *The Handmaid’s Tale* (de Margaret Atwood), no disco “Animals” (do grupo de rock Pink Floyd) e na HQ “Judge Dredd” (de John Wagner e Carlos Ezquerro, trabalho que também ganhou adaptações para o cinema). O artigo que encerra o dossiê apresenta a “utopia decolonial”, conformada a partir das ideias e perspectivas decoloniais de Walter Dignolo e Enrique Dussel.

Esta terceira e última edição da revista PerCursos em 2020 ainda disponibiliza, para leitura, seis artigos fora do dossiê, além de uma entrevista. Seus autores estão vinculados a instituições das regiões sul, sudeste e nordeste do Brasil e abordam temas variados, que transitam pelos campos da Literatura, da Psicologia, dos estudos referentes ao meio ambiente, da Educação e da História. Mais especificamente, envolvem, no primeiro artigo, reflexões sobre um conto em que a escritora brasileira Marília Arnaud põe em causa a condição feminina, a sexualidade e a velhice; segue-se, no segundo, a discussão, com base em dados de pesquisa e diálogo com bibliografia de referência, sobre formas de lidar com o autismo no ambiente familiar. O terceiro e o quarto desses artigos têm em comum as questões ambientais no Brasil: em um deles, aborda-se privilegiadamente o tratamento da natureza como recurso explorado e apropriado pelo capital (indicando-se uma linha de continuidade entre a dominação colonial portuguesa e a contemporaneidade); em outro, enfocam-se as consequências negativas da industrialização do campo e as possibilidades de alteração desse quadro, a partir de experiências implicadas na noção de multifuncionalidade agrícola. Os dois últimos artigos têm em comum a questão do ensino, quer refletindo sobre uma experiência de estágio

em turma de alunos do ensino fundamental (na qual as atividades giraram em torno dos temas “água” e “biodiversidade aquática”), quer sobre o lugar da chamada “Pré-História” nos livros didáticos brasileiros de História.

Encerra a edição, a entrevista concedida por Sara Beatriz Guardia à professora Carmen Susana Tornquist, do Centro de Ciências Humanas e da Educação da UDESC. Peruana, a entrevistada é professora e pesquisadora vinculada à Universidad de San Martín de Porres, em Lima, além de diretora do Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina (CEMHAL) e diretora da cátedra José Carlos Mariátegui. Na entrevista – realizada em espanhol e assim transcrita –, Sara Beatriz Guardia apresenta aspectos de seus estudos e algumas de suas publicações.

À leitura!

Janice Gonçalves
Editora-Chefe

Referências

ARQUITETURA da destruição. Direção de Peter Cohen. São Paulo: Versátil Home Vídeo, 2006. 1 DVD (121 min.).

CLAEYS, Gregory. **Dystopia:** a Natural History - A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions. Oxford: Oxford University Press, 2017.

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
Revista PerCursos
Volume 21 - Número 47 - Ano 2020
revistapercursos@gmail.com